

Reabilitações No Ambiente Escolar Por Meio Da Ética E Do Amor

Patrícia Lanne Chaves
Renato Pereira De Figueiredo

Resumo

Esta escrita é um epítome do terceiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada "Metáforas de Complexidade e Ensino em 'Perfume de Mulher'". O capítulo em questão explora as possibilidades de reabilitações diante dos grandes desafios enfrentados cotidianamente na escola, por meio da ética, do amor e da afetividade, visando uma abordagem educacional mais adequada ao século XXI e uma potencial transformação das práticas pedagógicas vigentes. A pesquisa utiliza o filme "Perfume de Mulher" como instrumento central na busca pela reaproximação das culturas científica e humanística, argumentando que ambas são fundamentais no contexto educacional e que para alguns, são tradicionalmente consideradas como distintas em termos de importância. Três cenas específicas do filme foram analisadas à luz da Teoria do Pensamento Complexo de Edgar Morin, da Biologia do Amor e Autopoiese de Humberto Maturana, e das reflexões contemporâneas do sociólogo Byung-Chul Han. Os capítulos anteriores da dissertação levantam questões relevantes sobre a educação, as mazelas e o abismo docente, destacando as dificuldades e desafios enfrentados pela escola e pelos educadores na atualidade.

Palavras-chave: Amor; Ética; Perfume de mulher; Reabilitações.

Date of Submission: 13-01-2025

Date of Acceptance: 23-01-2025

I. Introdução

O amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano. Mais do que isto, o amor é um fenômeno biológico tão básico e cotidiano no humano, que frequentemente o negamos culturalmente criando limites na legitimidade da convivência, em função de outras emoções. Assim, por exemplo, toda a dinâmica de criar consciência de guerra, como ocorre quando há uma luta com outro, consiste na negação do amor que dá lugar à indiferença, e, logo, no cultivo da rejeição e do ódio que negam o outro e permitem sua destruição ou levam a ela. Se não se faz isto, a biologia do amor desfaz o inimigo (Maturana, 2002, p. 67).

Esta escrita apresenta um resumo do terceiro capítulo da dissertação Metáforas de Complexidade e Ensino em "Perfume de Mulher"¹ que aborda reflexões sobre as mazelas, cegueiras, abismo docente como também a necessidade de se reabilitar constantemente no processo ensino e aprendizagem, diante dos desafios enfrentados diariamente nas escolas, objetivando uma educação para o século XXI. Foi escolhido o terceiro capítulo por entender a importância dessa discussão em face da necessidade urgente, atual, da ética, do amor e da afetividade como forma de reabilitações no ambiente escolar perante uma relação dialógica e uma perspectiva recursiva sobre as possibilidades de uma educação para esse século.

A epígrafe acima representa a importância e conseqüentemente a necessidade do amor e da ética para as relações e também as reabilitações no ambiente escolar. Em suas ideias epistemológicas, Maturana afirma que o amor é o fenômeno que sustenta a convivência e a construção de vínculos afetivos, ainda ratifica que o amor é entendido como atenção, respeito e aceitação do outro em sua singularidade, sendo assim uma condição para que ocorra a aprendizagem genuína. Segundo Maturana (2002, p. 67), "o amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência".

Esse estudo foi baseado na Teoria do Pensamento Complexo de Edgar Morin, que discute que a educação deve preparar os indivíduos para lidar com a complexidade do mundo atual, que é marcado por incertezas,

¹ O filme Perfume de Mulher é um drama (1992) sob a direção de Martin Brest, roteiro de Dino Risi e Ruggero Maccari, que traz como título original Scent of a Woman, cujo elenco principal é formado por Al Pacino, Chirs O'Donnell e James Rebhorn. O cenário do longa-metragem foi baseado no livro A Escuridão e o Mel (2001), de Giovanni Arpino, e também no filme mais conhecido como Profumo di Donna (2001), filmado por Mario Monicelli (1974) e protagonizado por Vittorio Gassmann.

interdependências e mudanças rápidas, como também nas ideias epistemológicas de Humberto Maturana na Biologia do amor e Autopoiese, nas discussões do sociólogo Byung-Chul Han sobre os problemas da atualidade, dentre outros teóricos.

Essa trama cinematográfica “Perfume de Mulher” escolhida para este debate apresenta os principais eventos, reviravoltas e conflitos desse drama para direcionar melhor o leitor às cenas e conseqüentemente às discussões que foram desenvolvidas no decorrer do texto. O filme “Perfume de Mulher” conta a história de um ex-militar cego que precisava de um acompanhante para realizar seu plano, na cidade de Nova York, no final de semana de ação de graças. Desta forma, um universitário torna isso possível e os dois seguem nesta jornada. Tanto o universitário quanto o ex-militar têm problemas, considerados graves e com fins não desejados.

Figura 1 — Capa do Filme Perfume de Mulher (1992).



Fonte: (Ficheiro: Scent [...], 2018, on-line).

Para este debate, foram separadas três cenas do filme “Perfume de Mulher”, que é operador cognitivo²², na tentativa de reaproximação da cultura humanística da cultura científica, por entender essa importância para um ensino que vise uma formação melhor. Dessa forma, Morin afirma que

Paradoxalmente, são as ciências humanas que, no momento atual, oferecem a mais fraca contribuição ao estudo da condição humana, precisamente porque estão desligadas, fragmentadas e compartimentadas. Essa situação esconde inteiramente a relação indivíduo/espécie/sociedade, e esconde o próprio ser humano. Tal como a fragmentação das ciências biológicas anula a noção de vida, a fragmentação das ciências humanas anula a noção de vida, a fragmentação das ciências humanas anula a noção de homem (Morin, 2021, p. 41).

No terceiro capítulo em questão, intitulado Cena 3: Reabilitações, é apresentada a ética, a antropoética, a afetividade e o amor como aliados na reabilitação no ambiente escolar em face da última cena do filme “Perfume de Mulher”, que traz o julgamento disciplinar de Charlie Simms e George Willis, que culmina com a defesa de Slade em favor de Charlie, seu acompanhante durante o fim de semana de ação de graças. Esse capítulo apresenta, o que talvez sejam, as maiores necessidades do ambiente escolar, isto é, afetividade, amor e ética.

II. Reabilitações

O ambiente escolar é permeado de situações problema diversas, às vezes inesperadas, que requer esforço humano diário, que requer muita atenção, entendimento, compreensão, muito trabalho, organização, otimização do tempo, planejamento das ações, definição de urgências e tarefas importantes. Requer também de seus participantes, habilidades necessárias para resolver problemas urgentes e emergenciais, que fogem da rotina escolar e que têm tomado a maior parte dos trabalhos pedagógicos e administrativos. Desta forma, Morin (2007, p.36), também corrobora ao afirmar que,

A ética é, para os indivíduos autônomos e responsáveis, a expressão do imperativo da religação. Todo ato ético, vale repetir, é na realidade, um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e, em última instância, inserção na religação cósmica. Quanto mais somos autônomos, mais devemos assumir a incerteza e a inquietude e mais temos necessidade de religação. Quanto mais tomamos consciência de que estamos perdidos no universo e mergulhados numa aventura desconhecida, mais temos necessidade de nos religarmos com nossos irmãos e irmãs da humanidade.

A despeito de uma educação fragmentada vivenciada nas escolas, que valoriza a competição, vale a pena tentar promover reflexões importantes sobre um ensino mais abrangente, mais complexo, que perpassa pela ética e pelo amor, que reaproximem as culturas científicas da cultura das humanidades, para o ensinar a condição humana de que fala Morin (2021, p. 48), quando confirma ao escrever:

²² Operador Cognitivo é uma ferramenta de complexificação do saber que serve como instrumento para pensarmos de forma complexa.

Quando consideramos os termos “cultura das humanidades”, é preciso pensar a palavra “cultura”, em seu sentido antropológico: uma cultura fornece os conhecimentos, valores, símbolos que orientam e guiam as vidas humanas. A cultura das humanidades foi, e ainda é, para uma elite, mas de agora em diante deverá ser, para todos uma preparação para a vida.

Reabilitação é uma maneira de pensar e procurar entender as diversas formas de encarar os vários enfrentamentos levantados no ambiente escolar, que algumas vezes, destroem as relações interpessoais diárias. Fatores internos, como dificuldades pedagógicas ou psicossociais ou externos, como problemas sociais e de infraestrutura, no âmbito escolar, têm prejudicado o processo ensino e aprendizagem. Dessa forma, Morin (2011, p. 93) diz “As interações entre indivíduos produzem a sociedade, e esta retroage sobre os indivíduos. A cultura, no sentido genérico, emerge destas interações, reúne-as e confere-lhes valor.” Não à toa essas interações no ambiente escolar são necessárias para restaurar e transformar a escola em um ambiente mais inclusivo, equitativo e adaptado às necessidades de todos os alunos.

Para além, Morin assevera que a concepção complexa do gênero humano comporta a tríade indivíduo-sociedade-espécie, desta forma esses elementos não podem ser entendidos como dissociados. Assim, Morin (2011, p. 93) confirma que,

No seio desta tríade complexa, emerge a consciência. Desde então, a ética propriamente humana, ou seja, a antropoética, deve ser considerada como a ética da cadeia de três termos indivíduo-sociedade-espécie, de onde emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano. Essa é a base para ensinar a ética do futuro.

A reabilitação aqui envolve o fortalecimento do vínculo afetivo e da confiança, além de incentivar a comunicação aberta, o respeito mútuo e a valorização do potencial de cada educando. Em seus estudos, Maturana (2002, p. 67, grifos do autor) explica o emprego da palavra amor, ao declarar: “Uso a palavra amor porque é a palavra que usamos na vida cotidiana para nos referirmos à aceitação do outro ou de algo como um legítimo outro na convivência”. Continua afirmando ao dizer que

Desabam aqui também as fronteiras entre os saberes e as disciplinas, e se desnaturalizam certas pressuposições como ao dizer que nem todas as relações ou interações entre seres humanos são sociais como tais, interações baseadas na obediência, na exclusão, na negação, no preconceito não podem ser ditas sociais, pois negam a nossa condição biológica básica de seres dependentes do amor, isto é, negam o outro como legítimo outro na convivência e fazem adoecer. Instituições e práticas baseadas no argumento da racionalidade e da obrigação são, portanto, antissociais e têm de ser repensadas (Maturana, 2002, p. 8).

A cena do filme escolhida para essas discussões acontece no interior do auditório Baird³, durante o dia e logo que eles chegam de viagem. Charlie se arruma para passar pelo seu julgamento disciplinar sobre um ato de vandalismo que aconteceu na escola contra a integridade moral do diretor. Como os alunos não se pronunciaram, o diretor tentou tirar esta informação de Charlie, ameaçando-o de perder seu futuro, caso não deletasse seus colegas. Segundo Morin (2007), o caminho ético, a fonte de religação entre todas as sociedades é o amor. Esta cena traz à baila questões pertinentes e necessárias para uma práxis crítica e reflexiva diante de situações vivenciadas na escola. Conforme Maturana (2002, p. 33),

Prega-se o amor, mas ninguém sabe em que ele consiste porque não se veem as ações que o constituem, e se olha para ele como a expressão de um sentir. Ensina-se a desejar a justiça, mas os adultos vivemos na falsidade. A tragédia dos adolescentes é que começam a viver um mundo que nega os valores que lhes foram ensinados. O amor não é um sentimento, é um domínio de ações nas quais o outro é constituído como um legítimo outro na convivência. A justiça não é um valor transcendente ou um sentimento de legitimidade: é um domínio de ações no qual não se usa a mentira para justificar as próprias ações ou as do outro.

Nesse sentido, vale compreender que temos, portanto, a necessidade “da religação antropológica que se manifesta na solidariedade, fraternidade, amizade e amor. O amor é a religação antropológica suprema” (Morin, 2007, p. 36-37). De acordo com Morin, “A antropoética ergue no nível ético a consciência antropológica que reconhece a unidade de tudo o que é humano na sua diversidade e a diversidade em tudo o que é unidade; daí a missão de salvaguardar por toda a unidade e a diversidade humanas” (Morin, 2007, p. 160). Ele continua afirmando que

Mais do que isso, a razão sensível deve integrar nela o amor. O amor é a relação intersubjetiva mais forte e mais bela que se conhece. O amor pela humanidade ultrapassa as relações entre indivíduos, irriga o mundo das ideias, dá substância à ideia de verdade, a qual perde seu significado sem o amor pela verdade; ele é o único

³ Universidade de Princeton (em inglês: *Princeton University*) é uma universidade privada de pesquisa da Ivy League em Princeton, Nova Jérsei. Fundada em 1746 em Elizabeth como Colégio de Nova Jérsei, Princeton é a quarta instituição de ensino superior mais antiga dos Estados Unidos e uma das nove faculdades coloniais fundadas antes da Revolução Americana. A instituição mudou-se para Newark em 1747, e depois para o local atual nove anos depois. Tornou-se oficialmente uma universidade em 1896 e foi posteriormente renomeada como Universidade de Princeton. Princeton é frequentemente classificada entre as melhores e mais prestigiadas universidades do mundo. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_de_Princeton

complemento possível da liberdade, sem o qual a liberdade se torna destruição. Por meio de uma relação indissolúvel e complexa, o amor deve ser introduzido no princípio da racionalidade. Ele deve ser um componente vital dessa nova racionalidade (Morin, 2020, p. 105).

O ambiente escolar tem trazido desgaste emocional, psicológico e físico. As brigas constantes, descaso do governo, abandono intelectual dos pais em relação aos filhos, uso excessivo do celular, falta de interesse, evasão escolar, falta de limites, desinteresse pelo estudo, falta de valorização, salários baixos, têm levado muitos profissionais da educação a desistir de sua carreira de magistério. O que fazer em situações como estas? Como tentar reverter estas situações a favor dos educadores e educandos?

A mediação do educador é fundamental para manter viva a emoção na sala de aula que é um lugar de aprendizado, de socialização, para uma convivência diária e saudável a partir das relações. Nesse ínterim, vale entender conforme diz Maturana (2002, p. 23), “não é a razão que nos leva a ação, mas a emoção. [...] A emoção fundamental que torna possível a história da humanização é o amor”. Desta forma, esta relação exige dos participantes a necessidade de aprender lidar com pessoas, tornando-os sensíveis as várias situações vivenciadas. Para Morin (2015, p. 85),

Neste caso, é necessária ao professor uma virtude específica, virtude essa que as violências e turbulências enfraquecem: a bondade é essa virtude que Confúcio exigia de todos aqueles que dispõem de autoridade. A bondade é ameaçada quando a autoridade do professor é moral, reside na força de sua presença, tem algo de carismático, impõe-se sem nada impor quando suas proposições suscitam atenção e interesse. Acrescente-se a isso o fato de que a consciência da complexidade humana nos convida a não nos fixarmos nos aspectos negativos de um indivíduo, mas a olhar todos os seus aspectos, o que tende a eliminar a maldade.

Maturana sustenta que o processo de aprendizagem é inseparável da emoção e da relação afetiva entre os envolvidos. Segundo Maturana (2002, p. 72-73), “A preocupação ética, como preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com aceitação do outro e pertence ao domínio do amor. Para que os alunos possam aprender de forma efetiva, é necessário que se sintam acolhidos e respeitados no ambiente escolar. Nesse sentido, ele propõe que a educação deve ser compreendida como uma prática de cuidado e afetividade, onde o professor não apenas transmite conhecimento, mas também se coloca como um ser humano que se importa com o desenvolvimento do aluno. Acerca disso, Maturana (2002, p. 85) manifesta sobre o amor:

É por isso que as preocupações éticas nunca vão além do domínio social em que surgem e têm formas diferentes em diferentes culturas. É por isto, também, que argumentos racionais sobre ética só convencem aos convencidos. O convite ético não é racional, mas emocional. É a partir do amor que o outro tem presença. Não diga como o Papa “O amor é mais forte”. Digo que a biologia é mais forte. O amor não é uma coisa especial, é cotidiano, e vocês notarão que em todas as situações extremas, as pessoas se encontram num nível básico humano onde a solidariedade está presente e nem sequer é preciso recomendá-la, ela aparece sozinha. Por quê? Porque o amor nos pertence como característica biológica que constitui o humano.

Em sua visão, Maturana afirma que o amor nas relações pedagógicas cria um ambiente de confiança no qual os alunos se sentem seguros para explorar novas ideias, questionar e construir conhecimento. Quando um estudante percebe que é valorizado, compreendido e respeitado, ele se torna mais disposto a se engajar no processo de aprendizagem, uma vez que a confiança gerada pelo amor reduz as barreiras emocionais e cognitivas. Nesse sentido, afirma ainda que:

O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela (Maturana, 2002, p. 32).

Para corroborar ainda mais com esse pensamento, Maturana (2002, p. 32) declara que

É difícil educar para a aceitação e o respeito de si mesmo, que leva à aceitação e ao respeito pelo outro, assim como à seriedade no fazer? Não, só que isto requer que o professor ou a professora saiba como interagir com os meninos e meninas num processo que não os negue ou castigue, seja pela forma como eles aparecem na relação, seja porque não aparecem como as exigências culturais dizem que deve ser. Esse professor ou professora pode fazê-lo porque, eles também, respeitam a si mesmo e ao outro.

É nesse sentido que podemos compreender o motivo de Morin (2007) defender que onde existe amor, existe ética, a ética possui sua origem no princípio da inclusão. O lidar com pessoas permite nos tornarmos sensíveis não somente a uma pessoa, mas a todos ao nosso redor. Não devemos fechar os olhos ao sofrimento alheio, à inquietação sem buscar suas causas e tentar compreender o que se passa. Segundo Morin (2007, p. 36),

A ética é, para os indivíduos autônomos e responsáveis, a expressão do imperativo da religação. Todo ato ético, vale repetir, é na realidade, um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e, em última instância, inserção na religação cósmica. Quanto mais somos autônomos, mais devemos assumir a incerteza e a inquietude e mais temos necessidade de religação. Quanto mais tomamos consciência de

que estamos perdidos no universo e mergulhados numa aventura desconhecida, mais temos necessidade de nos religarmos com nossos irmãos e irmãs da humanidade.

A relação de reciprocidade existente entre um homem, ex-militar, maduro, experiente, rude, impulsivo, frio, com um jovem estudante, aparentemente ingênuo, revela aí a relação de ensino e aprendizagem. Assim, Morin (2007, p. 58) reafirma que “A moral não complexa obedece a um código binário bem/mal, justo/injusto. A ética complexa aceita que o bem possa conter um mal, o mal um bem, o justo o injusto, o injusto o justo. [...] O dever não é o simples diante de uma realidade complexa, mas também ele é complexo”. Talvez seja por isso que Morin (2007) entende que a ética para si neutraliza dentro de nós a nossa barbárie interior por meio do amor. Assim ele afirma:

O amor e a amizade, sentimentos que nutrem meus fervores místicos e que são nutridos por eles, me conduzem aos limiares do êxtase, às portas do sagrado, aos quais acrescento meu sentimento simultaneamente cada vez mais visceral e religioso de participar da aventura humana (Morin, 2020, p. 64).

Com esse pensamento Morin (2020, p. 62), afirma que “[...] A afetividade está presente na atividade racional: conectada à razão, ela lhe transmite a sensibilidade, mas, quando privada de razão, conduz ao delírio e à demência. Essa concepção me permitiu perceber a importância da afetividade no âmbito da vida humana e na própria razão”. A afetividade envolve sentimentos e pode ser um recurso que contribuirá no desenvolvimento das emoções e relações em sala de aula.

O amor, resistência a todas as crueldades do mundo, originou-se da religação do mundo e exalta as virtudes da religação do mundo. Conectar-se ao amor significa conectar-se a religação cósmica. O amor, último avatar da religação, é desta forma e força superiores: “Forte como a morte”, segundo o *Cântico dos cânticos* (Morin, 2007, p. 37, grifos do autor).

O professor como mediador no processo ensino e aprendizagem deve compreender a necessidade de reflexões constantes sobre sua própria percepção do exercício de sua missão de educar, na promoção de uma interação com o outro, nesse caso o educando, afim de possibilitar reabilitações no ambiente escolar, objetivando uma educação para o século XXI. Nesse sentido, Morin (2021, p. 20) afirma que, “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.” Nesse processo, é preciso entender o que é a educação e para que ela serve, e por isso, Morin (2021, p. 92) ressalta que “A exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto e do complexo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza”. Ainda ratifica Morin (2021, p. 55) dizendo que “A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento.” Com esse pensamento, Morin afirma (2021, p. 63) destaca que,

Cada um de estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, mesmo quando se imagina encerrado em uma segurança burocrática; todo destino humano implica uma incerteza irreduzível, até na absoluta certeza, que é a da morte, pois ignoramos a data. Cada um deve estar plenamente consciente de participar da aventura da humanidade, que se lançou no desconhecido em velocidade, de agora em diante, acelerada.

Nesse ínterim, vale a pena pensar numa educação para a complexidade capacitando o cidadão para a convivência com a incerteza e trazendo o professor como um facilitador, mediador para o desenvolvimento dos estudantes. Morin ainda diz que a educação deve ensinar o cidadão a viver, a assumir a condição humana, conviver com a incerteza e experimentar valores. Dessa forma, Morin (2021, p. 65) ratifica:

A educação deve contribuir para autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional.

A escola deve ser um lugar de construção dos saberes, da aceitação do outro, da formação do conhecimento sempre apoiado na mediação do educador, como aquele que indica o caminho ao discente. A aceitação de si mesmo e do outro nessa relação professor aluno, segundo Maturana (2002, p. 72-73), afirma que “A preocupação ética, como preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com aceitação do outro e pertence ao domínio do amor. Por isso a preocupação ética nunca ultrapassa o domínio social no qual ela surge”. Dessa forma, continua afirmando:

É devido ao caráter social das preocupações éticas, dependente do amor e não da razão, que uma determinada comunidade política pode fazer apreciações éticas que não são válidas para outra. O espaço social que define uma ideologia política não é igual ao de outra, porque cada ideologia política define um tipo de humanidade. Quero insistir que é preciso entendermos isso, porque na medida em que a fenomenologia do amor está no fundamento biológico do humano, ela estará presente de qualquer maneira. Creio que não há um bom entendimento do fenômeno de convivência e da história dos fenômenos políticos se não entendemos a natureza do social e do ético no âmbito de sua fundação emocional (Maturana, 2002, p. 74).

A boa relação com o outro favorece o processo ensino e aprendizagem, especialmente quando baseada na afetividade e amor. Morin (2020, p. 105) complementa que “não há razão sem paixão, não há paixão sem razão” como nossa razão deve ser sempre sensível a tudo o que afeta os seres humanos. Para corroborar esse pensamento Maturana (2002, p. 29) ressalta que

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. [...] Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educado no educar.

A construção do conhecimento a partir das experiências em sala de aula devem ser pensadas como oportunidades de socialização, de reflexões, de ensinamentos, posicionamentos e de formas especiais de respeito e acesso do saber de todos, visto que esse espaço da sala é entendido como social. Ao passo que nesse processo de reabilitação na escola, todos os dias existe um recomeço, uma maneira de rever as atitudes e de refazer aquilo que não deu certo. Em relação a isso, Maturana (2002, p. 85) salienta:

Repito, a preocupação com o outro não ultrapassa o espaço de aceitação do outro em que surge, ou seja, não vai além do amor. A ética, como o domínio de nossa preocupação com as consequências que nossas ações têm na vida de outros seres humanos, pertence ao domínio de aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, ou seja, ao domínio do amor. É por isto que as preocupações éticas nunca vão além do domínio social em que surgem e têm formas diferentes em diferentes culturas. É por isto, também, que argumentos racionais sobre ética só convencem aos convencidos. O convite ético não é racional, mas emocional. É a partir do amor que o outro tem presença.

Além disso, o que vale pensar nesse momento é que diante das limitações, problemas, dificuldades que surgem diariamente no ambiente escolar, pode se dizer que o amor e a afetividade inserem as pessoas na história, na comunidade, na sociedade. Ademais, esse lugar deve ser apropriado para o exercício do respeito e da cidadania e talvez consiga possibilitar as reabilitações no ensino. Como defende Maturana (2002, p. 25),

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro ou de algo como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto.

Diante disso, vale afirmar que a necessidade constante de promover nas instituições de ensino atitudes de cooperação, compreensão, simpatia e amizade como forma de reaproximar grupos. Como diz Maturana (2001, p.47), “[...] a palavra amor, digo eu, faz referência à emoção fundamental que constitui o social. Em outras palavras, estou dizendo: o social é uma dinâmica de relações humanas que se funda na aceitação mútua.”

Em síntese, é no dia a dia da escola que muitas situações acontecem e que, algumas vezes, podem determinar as ações desenvolvidas em sala de aula. Na relação com educação, os vínculos desenvolvidos na escola podem auxiliar positiva ou negativamente a aprendizagem e isso perpassa também pelo planejamento envolvendo a prática pedagógica. Nesse sentido, o amor é o responsável pelos vínculos afetivos e assim, consequentemente a socialização positiva dos homens, trazendo à tona a solidariedade e cooperação uns com os outros. Para Maturana (2002, p. 67) “O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências.”

De acordo com Maturana (2002, p. 67) “O amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano.” Nesse sentido, o amor e a afetividade podem ser elementos importantes para auxiliar na reabilitação das condições do ambiente escolar a partir das emoções que se tornam responsáveis pelas relações entre as pessoas e especialmente entre educadores e educandos, criando vínculos afetivos. Por fim, Maturana afirma que vivemos em uma sociedade democrática e por isso somos responsáveis pelos nossos atos cotidianos. Ainda nos diz que “O mundo em que vivemos é sempre e a todo momento responsabilidade nossa” (Maturana, 2002, p. 97).

III. Considerações Finais

O amor, a afetividade e a ética são elementos fundamentais para a construção de um ambiente escolar saudável, inclusivo, respeitoso e produtivo. Cada um desses componentes exerce um papel importante no desenvolvimento tanto dos educandos quanto dos educadores, contribuindo para a formação de uma comunidade escolar mais colaborativa e respeitosa.

Ambientes afetivos e éticos favorecem o engajamento dos alunos e reduzem comportamentos indesejados, permitindo um foco maior nas atividades propostas. Quando a ética e o afeto são trabalhados de maneira conjunta, é possível prevenir situações de desrespeito, discriminação e outras formas de violência escolar.

O amor e o afeto no ambiente escolar são essenciais para a criação de um clima de confiança e segurança, onde os educandos e todos os envolvidos nesse processo, se sintam valorizados e respeitados. Quando os educadores e funcionários demonstram carinho, compreensão e empatia, eles ajudam os educandos a desenvolver

uma autoestima positiva, o que favorece o seu aprendizado e bem-estar emocional. Ademais, a presença de afeto estimula relações interpessoais saudáveis, por conseguinte, as crianças e jovens aprendem a se relacionar de maneira respeitosa e solidária.

A ética, por sua vez, estabelece regras claras e justas, promovendo a convivência harmoniosa entre todos. No ambiente escolar, a ética é vivida por meio da promoção de valores como o respeito à diversidade, a honestidade, a justiça e o compromisso com o bem coletivo. Ela indica tanto as atitudes dos educadores quanto dos alunos, estimulando o respeito pelos direitos de cada indivíduo e a construção de uma cultura de respeito mútuo.

Em suma, a combinação de amor, afeto e ética no ambiente escolar cria laços, vínculos e consequentemente um espaço mais inclusivo e respeitador, promovendo o crescimento dos educandos, educadores auxiliando positivamente no processo ensino e aprendizagem.

Referências

- [1] ALMEIDA, Maria Da Conceição Xavier De. Educar Para A Complexidade: O Que Ensinar, O Que Aprender. Transdisciplinaridade E Complexidade: Uma Nova Visão Para A Educação No Século XXI. Ana Lúcia Sarmiento Henrique. Natal: Editora Do CEFET-RN, 2005. P. 26-46.
- [2] MATURANA, Humberto. Cognição, Ciência E Vida Cotidiana. Organização E Tradução Cristina Magro – Victor Paredes. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2001.
- [3] MATURANA, Humberto. Emoções E Linguagem Na Educação E Na Política. Reimpressão. Tradução De José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.
- [4] MORIN, Edgar. O Método 6: Ética. Tradução Juremir Machado Da Silva. 3ª Ed. – Porto Alegre: Sulina, 2007.
- [5] MORIN, Edgar. Ensinar A Viver: Manifesto Para Mudar A Educação. Tradução De Edgar De Assis Carvalho E Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- [6] MORIN, Edgar. A Aventura De O Método E Para Uma Racionalidade Aberta. Tradução De Edgar De Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.
- [7] MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-Feita: Repensar A Reforma/Repensar O Pensamento. 26ed. Tradução Eloá Jacobina. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- [8] MORIN, Edgar. Sete Saberes Necessários À Educação Do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.
- [9] PEREIRA, Gustavo. Perfume De Mulher (1992). [S. L.]: <https://www.planoaberto.com.br/>, 2017. Disponível Em: <https://www.planoaberto.com.br/perfume-de-mulher/>. Acesso Em: 22 Jan. 2024.